

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO SUL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA

Hosana Hoelz Ploia
Bruna Caroline Borges
Cheron Zanini Moretti

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 3 - Educação em espaços não-escolares, justiça socioambiental e movimentos sociais

Este resumo trata-se de um recorte de pesquisas que vêm sendo realizadas com as mulheres da/na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC) e tem como objetivo discutir a participação das mulheres da/na EFASC e suas contradições, a partir da perspectiva da Educação Popular Feminista. A metodologia adotada neste estudo tem como fonte de pesquisa a série histórica de relatórios de atividades desenvolvidas pela EFASC, de 2010 a 2024, constituindo um corpus de investigação, além de levantamento e revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos que versam sobre as categorias “Educação Popular Feminista” e “Educação do Campo”; “Educação Popular Feminista” e “Pedagogia da Alternância”.

Enquanto orientação teórico-epistemológica, tomamos como fundamento a educação popular feminista e a educação do campo. Ainda que a educação do campo tenha como ponto de partida o contexto de seus/suas educandos/as, carece de nexos mais profundos com a educação popular feminista, a qual tem como perspectiva o fortalecimento da participação das mulheres em um projeto emancipador, de modo que essa educação seja uma prática político-pedagógica que parta da realidade das mulheres, visando a transformação social (Ochoa, 2008). Dessa maneira, a educação popular feminista é crítica, consciente e libertadora, feita com e pelas mulheres (Carvalho; Eggert, 2022). Desde a compreensão de que a educação não é uma prática educativa privilegiada da escola, ou seja, ocorre em diferentes espaços-tempos da vida cotidiana, assumimos a participação das mulheres da EFASC para além de atividades no espaço da escola, abrangendo a relação tempo-propriedade-comunidade da Pedagogia da Alternância (PA).

A análise dos relatórios elaborados pela EFASC possibilitou a identificação de que as relações sociais de gênero passaram a ser uma preocupação para a escola a partir de 2015, primeiro ano em que divulgou-se um levantamento de estudantes e egressos/as por gênero e realizou-se uma discussão sobre a temática. Nos anos seguintes, o feminismo passou a ser abordado, não apenas no 8 de Março, mas nos encontros de estudos chamados “serões”, o que é coerente com a concepção feminista de que a emancipação é um processo de educação permanente.

No relatório de 2024, pode-se constatar que, dentre os/as egressos/as, 73% são meninos e 27% meninas. Se comparado ao ano de 2015, em que dos/as 151 egressos/as, 80,7% eram homens e apenas 19,2% mulheres, o acesso e permanência de estudantes mulheres ainda se constitui como um desafio à formação básica e técnica dos sujeitos coletivos do campo, assim como a maior visibilidade das atividades realizadas pelas mulheres na PA nos relatórios anuais da EFASC. Esta afirmação se baseia na percepção de uma diminuição significativa do seu registro, na série histórica analisada.

Além do pouco registro das atividades de mulheres nos relatórios da escola, também foi possível identificar uma notável lacuna nas produções científicas sobre a Educação Popular Feminista, que apesar de estar em constante crescimento, ainda apresenta poucas produções com mulheres camponesas. Isso demonstra uma dissonância em sua práxis, pois apesar de dialogarem, tanto com a Educação Popular quanto com o feminismo em suas ações e práticas diárias, não é identificada a sua presença nas produções científicas sobre a temática.

Apesar da participação das mulheres na Pedagogia da Alternância não estar limitada ao trabalho de reprodução, não podemos ignorar o fato de que são as mulheres as responsáveis por grande parte do trabalho de cuidado e doméstico, que é um trabalho que "sempre foi mistificado como um não trabalho" (Federici, 2025, p. 20) e considerado algo natural das mulheres. Além disso, o trabalho de reprodução social, que é majoritariamente realizado pelas mulheres, sempre existiu, mas foi modificado significativamente na sociedade capitalista, deixando de ser visto como trabalho e passando a ser considerado "cuidado", pois é realizado por "amor" (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019) e assim, dispensável de remuneração.

Além disso, são as mulheres que realizam as mais diversas atividades cotidianas na propriedade familiar, desde a organização do calendário do trabalho no campo à decisão sobre o quê e quando plantar e quais tipos de fertilizantes utilizar. Ainda, através de grupos de mulheres, reúnem-se para trocar experiências e saberes, organizar e preparar almoços e jantares em paróquias, levantar investimentos para toda a comunidade, formando uma rede de fortalecimento entre elas, incluindo a troca de sementes crioulas. Portanto, esse trabalho é socialmente necessário para a reprodução tanto da força de trabalho (Federici, 2019) quanto da vida em comum. Logo, as mulheres são sujeitos sociais essenciais para a produção material da existência comunitária, que, por sua vez, demanda processos educativos.

Nesse sentido, as agricultoras assumem o trabalho de mediação educativa através do acompanhamento dos/as jovens estudantes, como parte da reprodução social. De um modo geral, lidam com diferentes Instrumentos Pedagógicos, próprios da PA da EFASC, registram as atividades de reflexões sobre a prática nos Cadernos de Acompanhamento, leem os relatórios de atividades de pesquisas e auxiliam no desenvolvimento dos Planos de Estudos. Ou seja, realizam um trabalho de educação que não é evidenciado no cotidiano da PA, a não ser quando se torna foco de interesse de estudos pelas próprias mulheres. Elas também participam na tomada de decisões, constituindo uma autonomia relativa.

Contudo, o lugar educativo, pedagógico e político ocupado pelas mulheres tende a não ser vis-

to e, assim, não valorizado. Em parte, a diminuição do registro de sua presença na PA da EFASC manifesta esta contradição, o que não significa a ausência da participação ativa, somente a sua representação. Todavia, a contradição é própria de qualquer fenômeno em curso na História, e é esta característica inerente que possibilita o seu movimento. No caso da EFASC, superado o primeiro desafio histórico do ingresso e permanência de mulheres estudantes no Ensino Médio e Técnico, as energias se voltaram para outras lutas como a da participação ativa e tomada de decisões.

Reconhecer a dialética da unidade de contrários viabiliza a compreensão da totalidade do fenômeno, que, apesar de contraditório, pode contribuir para uma ação transformadora. Considerando que "a contradição sempre expressa uma relação de conflito no devir do real" (Cury, 1985, p. 30), foi possível identificar contradições entre o que é realizado e o que é registrado, pois apesar da participação das mulheres ter aumentado ao longo dos anos em relação ao número de matrículas, percebe-se que ainda existe uma dificuldade em seu registro documental. O que não significa que a escola tenha abandonado a pauta da participação das mulheres, visto que no ano de 2025 ocorreu o primeiro encontro das mulheres da Pedagogia da Alternância da EFASC, com aproximadamente 160 participantes.

Tanto nos eventos quanto nas assembleias, há presença e participação das mulheres, todavia, educadoras da escola notaram a demanda por um momento formativo somente para egressas, mães, avós, irmãs, tias e cunhadas dos/as estudantes da EFASC. Nesse sentido, o projeto "Mulheres e cidadania: construindo a unidade do trabalho e a produção do viver" representou uma conquista histórica, quando possibilitou que as mulheres agricultoras identificassem e compreendessem todos os trabalhos que realizam diariamente, no espaço público e no privado, e quanto destes trabalhos envolvem e necessitam de conhecimentos para serem realizados. Isso demonstra o compromisso da EFASC para/com a valorização do trabalho e da participação das mulheres no processo educativo na alternância e a busca de conhecimento novo, diante das contradições.

Para Cury (1985), a contradição, além de destruidora, é criadora, pois motiva sua superação. Ao analisar a participação das mulheres da/na PA, identificamos que os conhecimentos e o trabalho por elas realizados, estão muito além do que aparece nos relatórios anuais da escola. Perrot (2007) defende que as mulheres sempre trabalharam, mas em sua maioria, as atividades realizadas por elas são vistas como "ajuda" - talvez isto justifique a dificuldade de manter atualizado os registros da participação das mulheres.

Diante disso, a educação popular feminista possibilita ampliar a compreensão sobre a participação das mulheres como sujeitos fundamentais no processo educativo em espaços-tempos distintos, para além da sua presença. De maneira similar, assume-se que a visibilização de sua agência histórica poderá ser realizada pelas suas próprias mãos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular Feminista; Mulheres; Participação; Escola Família Agrícola; Pedagogia da Alternância.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99% - um manifesto**. Boitempo: São Paulo, 2019.

CARVALHO, Íris de; EGGERT, Edla. **Tempos de fome: a colonialidade confrontada pela Educação Popular Feminista**. Cadernos de Educação, n. 66, e036622, 2022, p. 01-19.

CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e contradição**. São Paulo: Cortez, 1985.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO SUL. **Série histórica. Relatório de atividades (2010-2024)**. Santa Cruz do Sul: [s. n.], 2024. 301p.

FEDERICI, Sílvia. **Caça às bruxas e capital: mulheres, acumulação, reprodução**. São Paulo: Elefante, 2025.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí**. Pedagogía Feminista: una propuesta. Dissertação (Mestrado em Estudos de Gênero) – Centro de Estudios Sociológicos, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, El Colegio de México, Cidade do México, 2008.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.